

O espanto do poeta

Encontro o poeta Ferreira Gullar na mais insuspeita perplexidade, mergulhado na depressão coletiva que se aprofunda com a insensibilidade com que o governo vem tratando da crise no seu relacionamento com a população. Das fontes oficiais só saem notícias ruins, no tom alarmista que anuncia catástrofes iminentes, inevitáveis. As mensagens exalam fatalismo de quem parece empenhado em apavorar o país para arrancar a aprovação das medidas recessivas, impostas pelo formulário do Fundo Monetário Internacional.

A baba do pessimismo escorre para a mídia que amplia a repercussão das desgraças. As manchetes fornecem a dose diária de pavor, selecionando os verbos no mais negro terrorismo para o registro das oscilações das bolsas que jamais descem, sempre despenham em tropeços de 1%. Mas, até aí, o poeta dá o desconto dos exageros à cobertura da histórica área econômica. Pior o estímulo ao desespero, o empurrão para o buraco depressivo: o obituário anuncia a morte do real a cada aumento especulativo de artigos de consumo popular, a inflação voltou com força total, multiplicando preços na disparada da ganância.

Ora, sem querer tapar a crise com a peneira esburacada da credulidade boboca, Ferreira Gullar desfila as suas observações com a sensatez lúcida de quem sempre enxergou o que poucos percebem: "Vou aos supermercados e noto pequenos aumentos em diversos produtos. O que é um mau sinal. Mas, nada que justifique a onda de pânico. Eu sempre torci para o Brasil dar certo, mesmo quando não gosto do governo. Parece que muitos apostam no pior".

Apressado, despediu-se, deixando o tema a dar voltas na cuca. Entende-se, em parte, a ansiedade que alimenta o medo de que os benefícios da estabilidade econômica sejam perdidos pelos erros da equipe de sábios que cumprem as determinações do FMI.

Mas, há um intrigante descontrole no esquema de comunicação do governo, que, justiça seja feita, nunca foi grande coisa. Tolices primárias no tratamento das informações, repassadas no tom invariável do anúncio de novas desgraças. Com o contraponto da ameaça de demissões em massa, cortes nas verbas da área social, desativação de obras dos compromissos de campanha, reajustes de tarifas, aumento da gasolina, confronto com os estados, que se espalham para os municípios com os orçamentos monitorados pelo FMI.

Não se entende exatamente o que o governo pretende. Mas, não é por aí que ele mobilizará a população para defender-se dos especuladores e resistir nas trincheiras domésticas.

A convocação popular para o exercício da cidadania não deve tocar o alarme do desespero que leva à violência. A indispensável participação da dona de casa, do chefe de família na fiscalização dos preços e na denúncia enérgica dos excessos só se consegue com os apelos da esperança. Se a causa está perdida, não há por que lutar.

Depois das cenas vexaminosas dos pronunciamentos do ministro Pedro Malan e do esquálido vice-diretor do FMI, Stanley Fischer, transmitidas ao vivo pela televisão, o governo emite sinais de que começa a cair em si. O tombo deve ter sido grande. O presidente Fernando Henrique retomou a batida otimista nos seus diversos pronunciamentos diários, procurando desfazer a impressão de desânimo. Na mesma toada, mandou para os governadores, inclusive e explicitamente para os de oposição, os recados da boa vontade em examinar as reivindicações que aliviem os apertos dos estados.

É pouco, mas é alguma coisa. Desembarca, hoje, em Belo Horizonte, a delegação de ministros do PMDB na missão precursora de aproximação com o governador Itamar Franco. O que não será fácil. Itamar é um obstinado que não se afasta da sua rota. Se tiver parceiros, melhor. Em último caso, continuará a caminhada solitária.

Depois do carnaval, o presidente conhecerá o novo Congresso que ainda não teve tempo de dizer ao que veio. Não é razoável esperar dele a mesma obediência que enquadrou o Legislativo nas cobranças do medo. O Congresso deu o que o governo pediu. O que falta para fechar o pacote do ajuste fiscal é quase nada. Daí para frente, será a vez de o governo fazer a sua parte.

O presidente avisou que vai aproveitar a folga do carnaval para descansar em seu sítio em Ibiúna, SP, cercado de seguranças. Convém não desperdiçar a oportunidade para as reflexões e a autocrítica que as circunstâncias aconselham.